

Conclusão final

Esta dissertação está sendo concluída com uma clara consciência de que há muito para ser dito sobre a sexualidade humana. O tema é inesgotável e fascinante, fruto de uma longa reflexão associada à uma inquietante preocupação pastoral e contínua solicitação por parte dos diversos grupos acompanhados ao longo dos anos.

Nossa análise e descrição do tema somam-se a muitos outros autores, teólogos da moral e especialistas de outras ciências afins que vêm contribuindo de forma preciosíssima para que a questão da sexualidade humana seja melhor compreendida e assimilada nos grupos eclesiais e na sociedade em geral.

A nossa fé e a nossa identidade cristã, a Teologia enquanto ciência, com toda a sua riqueza e profundidade, podem oferecer com humildade uma indispensável contribuição sobre essas questões tão atuais e tão próximas de nós.

Há muitas outras vertentes para se aprofundar e acreditamos que a interdisciplinariedade, a adequação da linguagem e da metodologia ao tempo hodierno, à luz da fé cristã, são caminhos seguros para se perceber de forma madura e coerente o que é de fato a sexualidade humana e como esta se revela na pessoa.

Inicialmente, este trabalho ocupou-se em realizar uma análise acerca da modernidade em crise ou pós-modernidade e as graves repercussões que este tempo tem provocado sobre a compreensão e a vivência da sexualidade humana. As mudanças de paradigmas, dos costumes e do perfil antropológico são inegáveis. Nesse contexto social fragmentado, plural, complexo e interpelador, a Igreja deve assumir a sua tarefa primordial, encarnada em cada lugar e em cada momento histórico, procurando sempre mais ser “fermento na massa” e sinal da salvação de Jesus Cristo.

Essas mudanças aceleradas interferem na sociedade e nos ambientes eclesiais. É muito evidente o distanciamento entre a comunicabilidade da proposta cristã para a sexualidade e a vivência desta sexualidade. Um conflituoso universo de informações, provenientes da educação formal, dos MCS, da internet e outros acessos, tem moldado a opinião pública e conseqüentemente a sua prática social. Não se trata de determinar padrões de normalidade ou de anormalidade; isso seria

muito redutor dentro do contexto, mas não se pode negar que há uma espécie de “onda” social da permissividade, o que é um grande risco, na medida que pode destruir a essência daquilo que de fato vem a ser a sexualidade humana. Os estereótipos sobre amor, sobre a paixão, sobre a sexualidade tomam o lugar da verdade, da sua essência real, velando o que há de mais belo, o que é verdadeiramente o dom de Deus.

Mediante tão grandes desafios, as respostas são necessárias, mas não estão prontas, e não se darão repentinamente. Porém, podemos perceber, com um olhar muito otimista, que a Igreja coloca-se presente, com cuidadosa atenção e zelo pelo ser humano, nesse processo em construção, para um diálogo com as possíveis transformações.

O Concílio Vaticano II trouxe-nos esta possibilidade de aproximação sincera da Igreja com a sociedade. Os frutos ainda estão sendo colhidos e continuamos a aprender com o Concílio. Apaixonadamente, o Vaticano II se declinou sobre a humanidade, rejeitando toda forma de exclusão do passado, marcada pelas leituras maniqueístas, restritivas, apologéticas e dualistas. Procurou, sobretudo, revelar a verdadeira compreensão que a Igreja tem acerca do ser humano, muito diferente da visão dualista, mesmo que esta tenha sido preconizada em tempos anteriores. O ser humano é considerado em sua totalidade, perfeitamente redimido e integrado, capaz de transformar e humanizar o mundo em que vive.

O Concílio posicionou-se teologicamente firmando uma união fundamental entre a criação e a redenção, pela unidade entre a história humana e a história da salvação. Reconheceu sem reservas a dignidade e os direitos do ser humano.

Partindo desses avanços do Concílio, a evangelização deve tocar de perto a problemática da sexualidade e suas intercorrências. Diante das interpelações, despertamos para a nossa responsabilidade, como cristãos inseridos numa história concreta, para resgatarmos a verdadeira dimensão e significado da sexualidade humana, como meta e como missão.

Concretamente o caminho está aberto para a construção de um novo paradigma que privilegie a vivência cristã através de comunidades que sejam de fato modelo e testemunho de fé, lugar onde a formação e a preparação para a vida possam acontecer.

Não se pode prescindir da busca de novas metodologias psico-pedagógicas; de maior criatividade no exercício pastoral; melhor e adequada preparação dos

profissionais e agentes de pastoral disponíveis para a formação permanente; diálogos e discussões sinceras sem proselitismo ou moralismo sobre a sexualidade e afetividade humana; maior espaço para a formação psico-afetivo-sexual nos seminários, nas congregações religiosas e nos diversos setores de formação para os leigos; presença de assessores adultos junto à infância, adolescência e juventude; elaboração de material didático e subsídios que não desprezem a colaboração das diversas ciências; oferecer sempre, através de um diálogo aberto e adaptado às fases de desenvolvimento humano e às demandas apresentadas, as devidas orientações e informações sem escondimentos, com lucidez e sinceridade; revelar sempre os motivos pelos quais a Igreja prescreve suas recomendações e aconselha determinados comportamentos, procurando sair da ênfase das proibições e das negações; não basta dizer “não pode”, “não é permitido”, deve-se dar sempre as razões para tal aconselhamento. Não se educa, não se forma ninguém a partir de proibições fechadas.

A Igreja não precisa usar desses artificios, pois suas intenções estão sempre moldadas a partir do sentido e do valor da vida humana. Esses valores, encharcados pela dimensão do chamado à vida e ao amor, devem ser a bússola que orienta o caminho a se construir. É preciso comunicar muito mais o que há de bom, o que há de belo e salutar. Para a Igreja, isso não é novidade, mas para o mundo e para a sociedade essa percepção ainda não se deu; a comunicação dessas verdades essenciais para o ser humano ainda não estão suficientemente claras. Será nossa comunicação falha? Será nossa linguagem insuficiente? Nossas abordagens estão ainda cheias de presunção? Precisamos trocar muitas idéias sobre isso.

A Igreja nos traz a feliz lembrança de que “o programa de Jesus – é ‘um coração que vê’. Este coração vê onde há necessidade de amor, e atua em consequência”⁶³⁰. Este coração nos convida a fazer o mesmo (cf. Lc 10, 37b).

Toda atividade missionária da Igreja é manifestação do Amor de Deus que procura sempre o bem integral da pessoa humana, procura a sua evangelização através da Palavra e dos Sacramentos⁶³¹. A Igreja foi dada ao mundo, é a família de Deus para o mundo. “Nesta família, não deve haver ninguém que sofra por

⁶³⁰ BENTO XVI. *Carta Encíclica “Deus Caritas Est”...*, op. cit., n. 31 b, p. 18.

⁶³¹ Cf. *ibidem*, n. 19, p. 11.

falta do necessário”⁶³² e nesse sentido podemos aplicar também o contexto da formação, do aconselhamento, de uma pastoral que prepare para a verdadeira vida. As fronteiras da Igreja se ampliam, “a caritas-agape estende-se para além das fronteiras”⁶³³, levando ao mundo a certeza do Amor de Deus.

Em conclusão, unimo-nos em comunhão com toda a Igreja, pedindo à Maria, Virgem e Mãe, mestra do Amor, que nos revele o que de fato “é o amor e donde este tem a sua origem e recebe incessantemente a sua força. A Ela confiamos a Igreja, a sua missão ao serviço do amor:

Santa Maria, Mãe de Deus,
 Vós destes ao mundo a luz verdadeira,
 Jesus, vosso Filho – Filho de Deus.
 Entregastes-Vos completamente
 Ao chamamento de Deus
 E assim Vos tornastes fonte
 Da bondade que brota d’Ele.
 Mostrai-nos Jesus.
 Guiai-nos para Ele.
*Ensinai-nos a conhecê-Lo e a amá-Lo,
 para podermos também nós
 tornar-nos capazes de verdadeiro amor
 e de ser fontes de água viva
 no meio de um mundo sequioso”*⁶³⁴.

Papa Bento XVI

⁶³² Ibidem, n. 25b, p. 13.

⁶³³ Ibidem.

⁶³⁴ Ibidem, n. 42, p. 22-23.